



ISBN 978-85-61091-05-7

VI EPCC
Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar
27 a 30 de outubro de 2009

IDENTIDADE PÓS-MODERNA JUDAICA NA LITERATURA DE HOLOCAUSTO. UMA ANÁLISE EM MOACYR SCLiar.

Silvio Ruiz Paradiso¹;

RESUMO: A partir de estudos contemporâneos de cultura e literatura, o presente artigo abordará críticas culturais no que tange identidade e produção cultural pós-moderna. Analisar-se-á a identidade judaica na modernidade tardia, na chamada literatura de Holocausto, a partir de pressupostos teóricos de Edward Said e Stuart Hall. Além disso, exemplificaremos essa 'nova' identidade judaica no autor Moacyr Scliar.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo; Holocausto; Moacyr Scliar

1 INTRODUÇÃO

Judeus, Holocausto e Diáspora/Exílio. Personagens, fato e consequência. É nesta tríade que a cultura contemporânea começa a analisar uma literatura em processo de afirmação, chamada Literatura do Holocausto. Esta por sua vez, nos traz outro ponto referencial de análise - sua autoria, que quase sempre judaica e/ou de ascendência, nos mostra características bem próprias: uma identidade judaica pós-segunda guerra, diaspórica/exílica e coletiva.

As lembranças de sobreviventes, ou de descendentes de sobreviventes dos campos nazistas são transformadas em literatura, o Holocausto assim, torna-se objeto de ficção e uma nova geração de escritores utiliza essa memória coletiva para criar romances, crônicas, poemas e contos sobre a temática do *Shoah*.² Além disso, de acordo com uma tese de Jan Assmann (1992), o passado só surge quando se pode remeter-se a ele, sendo assim uma criação cultural. Nesse sentido, tal criação é revelada através de um autor, e este fragmentado por inúmeras identidades que coincidem com sua situação étnica (judaica) de (re)criar uma memória – uma terrível memória.

Assim, analisar-se-á a identidade pós-moderna judaica em congruência com a literatura do Holocausto, tendo como exemplo, o conto "Na minha suja cabeça, o Holocausto", do escritor e judeu Moacyr Scliar.

¹ Mestrando em Teoria Literária/ Diálogos Culturais – Universidade Estadual de Londrina UEL (CCH), Londrina –PR, Brasil. Bolsista do CNPq. Membro do grupo de pesquisa sobre afro-descendentes na literatura (UEL/ UFMG), grupo de pesquisa sobre Literatura (CESUMAR), do NEAA (Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos) e do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e as Religiosidades – (LERR/UEL) silvinhoparadiso@hotmail.com

² Muitas vezes traduzida como holocausto. *Shoah*, palavra hebraica que significa destruição, ruína, calamidade. O termo é mais bem aplicado do que Holocausto, visto que não tem cunho "religioso" e depreciativo como Holocausto, que se entende como oferenda a Deus. Contudo iremos abordar as duas formas. (N. do autor)

2 A LITERATURA DO HOLOCAUSTO

Atualmente, está se disseminando nas principais universidades do globo, o estudo sobre o *Shoah* (Holocausto). Uma das formas de reflexão sobre esta hecatombe, na qual foram mortos seis milhões de judeus, é através da literatura e da crítica literária. A escrita sobre este genocídio demorou a ser tratada de modo profundo na literatura hebraica e mundial nas décadas seguinte (50, 60 e 70). Todavia, segundo Rozenchan (1999, p. 08), foi graças aos filhos de sobreviventes que escreveram e escrevem “aquilo que seus pais não puderam, não quiseram, não conseguiram expressar”.

A palavra holocausto (em grego antigo: *holókauston* [todo queimado]) tem origens remotas em sacrifícios e rituais, no qual a vítima era imolada e queimada. (UNTERMAN, 1992, p. 116) e sua literatura visa re(escrever) e reafirmar a identidade judaica e os judeus como produtores de cultura. Contrariando a idéia de que “houve [...] na ideologia nazista, uma paródia baixa – ou obsessão – de refazer ‘completamente’ sociedades e culturas que marcaram a moderna vida política” (HOWE, 1988, p.175), ou seja, a literatura sobre o *Shoah* é uma prova que os judeus sobreviveram a esta tentativa de aniquilamento físico e cultural promovido pelo Nazismo.

Adorno, alemão de ascendência judaica, em discussões sobre a Literatura e Holocausto disse: “Após Auschwitz seria barbárie escrever poesia lírica” (HOWE, 1988, 178; APPELFELD, 1999, p.81). Mas foram feitos poemas, narrativas, romances, filmes, músicas etc. Textos complexos, baseados numa estética já conhecida como “pós-moderna”; narrativas dolorosas, de experiências dolorosas: “A maneira literária é uma obscenidade [...] A literatura é a arte, ocasionalmente remuneradora, de remexer no vômito” (RAWICZ *apud* HOWE, 1988, p. 179)

Os escritos sobre o Holocausto fazem sua asserção básica através de fatos recordados, lembrados por quem viveu ou assimilados por que não esteve lá, mas de certa forma mantêm este fato nos limites da história, impedindo que se torne uma lenda. Esta literatura nasceu – ironicamente - muito antes do próprio fato, como por exemplo, com o *Hóspede por uma noite (Ore'ah Noteh Lalun)* (1938), de Shmuel Yossef Agnon e *O Diário de Varsóvia* (1940), de Chaim Kaplan.

Todavia, foi após o genocídio de milhões de pessoas e o julgamento de Nuremberg, que a literatura começou a revelar “poeticamente” a barbárie nazista.

É preciso uma nova identidade judaica, para escrever sobre esta temática. Tanto que Rozenchan (1999, p.8) continua, dizendo que hoje “escrevem outros que geograficamente e nem por parentesco tiveram vinculação com o assunto”.

3 IDENTIDADE JUDAICA PÓS MODERNA

Os judeus passaram por transformações identitárias ao longo da história. A partir do Holocausto, a identidade judaica mudou mais uma vez, até porque, a identidade segundo Hall (2006) é “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.(p. 13)

Curiosamente, após o Holocausto, as comunidades judaicas fecharam se menos diante dos não judeus. Todavia, o que se acentuou foi a luta contra o esquecimento da perseguição anti-semita, já que o conceito sobre anti-semitismo

começou a ser mais conhecido e evidenciado nas sociedades. O judeu de hoje, luta, fala e denuncia!

A identidade judaica, individual e coletiva, passou a ser parte integrante da sociedade nacional onde ela se encontra. [...] o judaísmo sempre se desenvolveu em contato, reação e apropriação das influências do meio ambiente gentil. O que é novo na sociedade contemporânea é a diluição das barreiras institucionais que até então filtravam e limitavam o impacto do meio externo. (SORJ, 1997, p. 09)

Estas diluições das barreiras, que até então limitavam as trocas culturais de judeus e não-judeus, começou a forçar os judeus a ter uma “nova” identidade frente as mudanças do pós-guerra.

A identidade judaica moderna, que se constituiu em cima de um esforço auto reflexivo e como resposta ao anti-semitismo, não encontrou no Brasil condições propícias para seu desenvolvimento (SORJ, 1997, p 09). A confirmação desta hipótese pode ser verificada, no Rio Grande do Sul, estado de origem do único romancista com uma obra literária com temas judaicos, Moacyr Scliar, e ser o Estado com maior incidência de anti-semitismo (SORJ, 1997, p. 10)

Perpetuar suas memórias, sua história através do texto, cria a noção do sujeito judeu moderno, a de perpetuar sua cultura mais do que suas definições biológicas, o fazendo deslocado; ele torna se o exilado intelectual que nos fala Said (2005): “O ponto de observação do exilado para o intelectual é que se tende a ver as coisas não apenas como elas são, mas como se tornaram o que são” (SAID, 2005, p.p 67-8)

4 MOACYR SCLiar E O HOLOCAUSTO – NA MINHA CABEÇA SUJA (2002)

Moacyr Jaime Scliar nasceu em Porto Alegre (RS), no Bom Fim, bairro que até hoje reúne a comunidade judaica, a 23 de março de 1937, filho de José e Sara Scliar, judeus, tem como sua maior obra com a temática do Holocausto *A guerra no Bom Fim* (1972), mas com o conto *Na minha cabeça suja* (2002), o autor expõe de modo surreal a impossibilidade da catarse para um não sobrevivente.

O conto trata da acolhida de dois sobreviventes do genocídio em uma determinada comunidade judaica (possivelmente Porto Alegre). Diferentemente das narrativas tradicionalmente marcadas pelo trauma, a narrativa de Scliar, através do ponto de vista de um garoto de onze anos, constrói, pela ficção, a vida dos sobreviventes pós-Holocausto.

O conto é memorialista-ficcional, baseado nas memórias de um garoto de onze anos. Inovador neste tipo de narrativa é a presença da ótica infantil na narrativa. O garoto narrador, sem nome, se descreve como um garoto “sujo”, com imundície na cabeça, que só pensa em coisas ruins, debochado, desbocado, de mente imunda (SCLiar, 2002, p.13)

Filho de um provável rabino: “Meu pai é um homem bom. Só pensa em coisas puras. Só diz palavras amáveis. É muito religioso; o homem mais religioso do bairro” (SCLiar, 2002, p.13), começa a descrever a narrativa, temporalmente passada em 1949 (SCLiar, 2002, p.14). O narrador descreve a chegada de refugiados da Europa à cidade, em busca de familiares e amigos. Um destes que chega é Mischa, provavelmente um judeu da Ucrânia ou Rússia, visto que seu nome é uma corruptela de Michel em russo.

Mischa é descrito como um homem que “causa pena”, roupas em trapos, magro, encurvado e no braço o seu número do campo de concentração tatuado. Carneiro (2007) observa que o número tatuado nos braços dos prisioneiros é uma marca física que todo sobrevivente leva consigo (p. 35). O pai do garoto deixa claro que precisa ser feito algo a um sobrevivente do massacre nazista – “não se pode deixar um judeu nessa situação” (SCLIAR, 2002, p.14). Essa cumplicidade entre judeus é observada durante toda história da nação judaica. Todavia, a inserção na comunidade é fundamental para esta total cumplicidade. Contudo, a inserção aconteceu – “Mischa agora é gente nossa” (SCLIAR, 2002, p.15)

O garoto sem nome, cheio de maldades na sua “cabeça suja”, admite que “ninguém descreve como ele, os horrores do campo de concentração, a imundice, a promiscuidade, a doença, a agonia dos moribundos, a brutalidade dos guardas. Não há quem não chore ao ouvi-lo...” (SCLIAR, 2002, p.15). Contudo, ele, o jovem narrador, não “eu não choro” diz.

O motivo pra tal sentimento é a mente suja, que o garoto sempre retoma. Adorno (*apud* HOWE, 1988, p.17) questiona se ao ver ou ler algo relativo ao *Shoah*, ganhamos ou sentimos catarse, tão associada à transação estética? Adorno chega a relacionar esses ‘prazeres’ a um tipo de sadomasoquismo voyerista.

Esta falta de identificação com o sofrimento de Mischa faz o jovem judeu a imaginar uma situação que perdura 10 parágrafos. “Fico imaginando” (SCLIAR, 2002, p. 15) inicia, imaginando a chegada de um outro refugiado – Avigdor. A partir de então, o garoto tenta depreciar Mischa, imaginando-o como um explorador e falso sobrevivente. Avigdor, o judeu imaginado (“o que se passa ali só a minha suja cabeça pode saber, porque foi ela que criou Avigdor” – SCLIAR, 2002, p.16) , elabora o declínio de Mischa até a morte.

Todavia, a imaginação se interrompe, quando o narrador ouve uma conversa de Mischa com seu pai: Um dia Mischa conta a meu pai sobre barras de sabão. Disse que viu no campo da morte pilhas e pilhas de barras de sabão. Sabe com que era feito esse sabão? – pergunta. Com gordura humana. Com gordura de judeus. (SCLIAR, 2002, p 17).

O menino de onze anos, com sua cabeça ainda “suja”, ouve uma das inúmeras barbáries cometidas nos campos de concentração. “Os judeus eram humilhados até mesmo depois de mortos. Dentes de ouro eram arrancados das bocas dos cadáveres. Fazia-se sabão da gordura de seus corpos, e abajures com suas peles” (A HISTORIA..., 2009). Naquela noite, sonha estar nu em uma banheira com água fétida, e lá o velho judeu Mischa o esfrega com aquele sabão, gritando que precisava tirar aquela sujeira dele, e mais importante a “sujeira do mundo” (SCLIAR, 2002, p. 18)

O narrado soluçando acorda, e em meio a grande sofrimento e terror denomina aquele sentimento de HOLOCAUSTO.

A sujeira do mundo e da mente do garoto de onze anos é a sujeira da não importância com a pior catástrofe da humanidade, “da fábrica de mortes”, como nomeou Hanna Arendt. A sujeira da mente são acreditar que alguém poderia inventar uma história de tanto sofrimento. O jovem imaginava Mischa como um mentiroso, da mesma forma que os revisionistas e negacionistas do Holocausto o fazem hoje.

Relatar um de muitos episódios monstruosos fez com Mischa “entrasse” na mente do jovem judeu que não sabia e nunca irá saber o que de certo acontecia na Europa naqueles anos. O mundo judaico do garoto estava restrito à Sinagoga e o lar (SCLIAR, 2002, p. 15), a sua “sujeira” impedia de ver que um judeu é muito mais

que homem que fala ídiche, ou reza na Sinagoga. O velho sobrevivente ao depor a cena das pilhas de sabão mostrou que não importa a identidade da vítima, mas importa que fora um ser humano. Jamais ninguém saberá o que foi o *shoah*, apenas aqueles que o viveu.

CONCLUSÃO

Todorov afirma que “os desafios da memória é grande demais para serem deixados ao entusiasmo e raiva”³ (2004, p.14) Assim, Scliar, posicionado com sua identidade judaica pós-moderna consegue tematizar o Holocausto, dando-nos uma lição que a identidade judaica hoje propõe expor o judeu não como um JUDEU, mas acima de tudo como um SER-HUMANO. Negar isso é ter, no mínimo, uma cabeça suja, uma suja cabeça.

REFERÊNCIAS

APPELFELD, A. *Depois do Holocausto* In: **Cadernos de lingual e Literatura hebraica/ FFLCH –USP. N. 2** , São Paulo: Humanitas, 1999.

A HISTÓRIA do Holocausto. In: **VISÃO Judaica On line**. Disponível em ><http://www.visaojudaica.com.br/Abril2006/artigos/7.html>< Acesso em 28 abr. 2009.

ASSMANN, J. **Das kulturelle Gedächtnis. Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen**. München: Beck. 1992.

CARNEIRO, M.L.T. **Holocausto: crime contra a humanidade**. Col. História em movimento. São Paulo: Ática, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOWE, I. *Writing and the holocaust* In: LANG B. **Writing and the Holocaust**. Nova Iorque/ Londres: Holmes & Meier, 1988.

ROZENCHAN, N. Prefácio In: **Cadernos de lingual e Literatura hebraica/ FFLCH – USP. N. 2** , São Paulo: Humanitas, 1999.

SCLIAR, M. *Na minha suja cabeça, o Holocausto*. In: **História para (quase) todos os gostos: Porto Alegre: L&PM, 2002**.

TODOROV. T. **Les abus de la mémoire**. Paris: Arlèa, 2004.

UNTERMAN, A. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: JZE, 1992.

³ Do original *les enjeux de la mémoire sont trop grands pour être laissés à l'enthousiasme ou à la colère*. (N. do Autor)